

Ano 6 • Nº 11 • 2º Semestre / 99

LOGOS

COMUNICAÇÃO & UNIVERSIDADE



Comte

Weber

Durkheim

Gilberto Freyre e
outros pensadores

ISSN 0104-9933

Na Gênese do Século XX

11



LOGOS

11

Comte

Weber

Durkheim

Gilberto Freyre e

outros pensadores

Na Gênese do Século XX

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/SISBI/SERPROT

L832 Logos: comunicação e universidade. - Vol. 1, n. 1 (1990) - . -
Rio de Janeiro : UERJ, Faculdade de Comunicação
Social, 1990-
v.

Semestral
ISSN 0104-9933

1. Comunicação - Periódicos. 2. Teoria da informação -
Periódicos. 3. Comunicação e cultura - Periódicos. 4. Sociologia -
Periódicos. I. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade
de Comunicação Social.

CDU 007

Sumário

EDITORIAL

Ricardo Ferreira Freitas	4
--------------------------------	---

APRESENTAÇÃO

Em torno de Comte: da origem do pensamento social

Héris Arnt	5
------------------	---

ARTIGOS

Augusto Comte: um enfoque crítico

Carlos Henrique de Escobar	7
----------------------------------	---

Augusto Comte, a obra vivida

Patrick Tacussel	15
------------------------	----

O projeto comunicacional moderno e os efeitos globais

Nízia Villaça	22
---------------------	----

Max Weber e a máfia napolitana: uma dramatização do positivismo?

Lamartine P. DaCosta	25
----------------------------	----

O futuro posto em questão na obra de Stefan Zweig

Cleia Schiavo Weyrauch	30
------------------------------	----

Émile Durkheim e o pensamento sociológico francês no século XIX

Marcos Medeiros	34
-----------------------	----

Nietzsche, precursor da pós-modernidade

Maria Nelida Sampaio Ferraz	41
-----------------------------------	----

A inconclusão do Progresso e a mistura da Ordem - Notas sobre Gilberto Freyre e o Positivismo no Brasil no século XIX

Luiz Felipe Baêta Neves	46
-------------------------------	----

Os positivismos e a Faculdade de Direito do Recife

Teodoro Koracakis	50
-------------------------	----

O positivismo e o movimento espírita no Brasil

Alexander José de Souza e Aline Rocha Bieites	54
---	----

PESQUISA

Legislação e novo currículo - Uma reflexão sobre as Escolas de Comunicação Social

Ricardo Augusto Oberlaender	59
-----------------------------------	----

Editorial

Em 1998 foi comemorado o bicentenário de nascimento de Augusto Comte. Com o apoio do Núcleo de Estudos Governamentais/UERJ, a Faculdade de Comunicação Social/UERJ e o Centro de Estudos do Atual e do Quotidiano da Universidade de Paris V organizaram um seminário com teóricos brasileiros e franceses com o objetivo de debater questões em torno do pensamento social, a partir da interferência de Augusto Comte. Esse evento, que aconteceu na UERJ em dezembro de 1998, discutiu os caminhos da Sociologia desde seu batismo por Comte.

Polêmico, o ilustre criador do positivismo teve um papel fundamental para o desenvolvimento das ciências sociais e humanas. Comte trouxe os estudos sobre a sociedade, até então abordados somente pela Filosofia e pela Biologia, para uma área específica, a Sociologia. A nova disciplina começa seu percurso em meados do século XIX e cria seus próprios métodos de investigação, afirmando-se como ciência.

Este número da *Logos* é resultado desse seminário, do qual participaram Michel Maffesoli, Patrick Tacussel, Nízia Villaça, Cleia Schiavo, Luiz Felipe Baêta Neves (que co-edita este número da revista), Luiz Henrique Bahia, Bruno Roy, entre outros. Alguns dos artigos ora publicados foram baseados em temas apresentados nesse encontro. Outros autores foram especialmente convidados, como é o caso de Carlos Henrique de Escobar e Lamartine DaCosta. Este número 11 faz um balanço, em última instância, da origem do pensamento social e de suas repercussões para as ciências sociais e humanas no decorrer do século XX.

Ricardo Ferreira Freitas
Presidente do Conselho Editorial

Apresentação

Em torno de Comte: da origem do pensamento social

Héris Arnt*

Os leitores da revista *Logos*, ao se depararem com um número dedicado a Augusto Comte, podem se perguntar o porquê dessa iniciativa. Teria o Conselho Editorial, neste final de milênio, se acometido de um espírito de anacronismo, de revisionismo ou de nostalgia? A leitura da *Logos* 11, certamente, vai trazer surpresas. Primeiro, não é uma revista exclusivamente sobre Comte. Vários artigos tratam de outros pensadores dos oitocentos. Dizer que nossa intenção é fazer um ajuste de contas com o século XX, para nos prepararmos para o século XXI, livres de uma herança intelectual que nos liga ao século XIX, seria pretensioso e uma tarefa impossível para uma pequena revista. Nossa intenção foi somente, aproveitando as efemérides dos duzentos anos de nascimento do pai da sociologia, completados em 1998, fazer um mapeamento das teorias que marcaram a modernidade e estão na gênese do pensamento deste século que ora se encerra.

Os resultados foram surpreendentes. Ao procederem a interligação entre diferentes autores, os articulistas encontraram traços positivistas justamente onde estes são vilipendiados e incorporações onde os teóricos contemporâneos não atribuem ou identificam. É o caso da admiração por Comte de ninguém menos do que Nietzsche, como podemos ver no artigo de Maria Nelida Sampaio Ferraz. Ou a influência comtiana so-

bre o marxismo, no que diz respeito à liberação concomitante tanto das mulheres quanto dos proletários. Para Carlos Henrique de Escobar, a afinidade com Nietzsche reside no fato de o pensador francês desenvolver suas idéias num registro totalmente fora da influência do idealismo alemão.

A leitura desse número da *Logos*, portanto, é um convite a um vôo sobre as conexões do pensamento da modernidade, tendo Augusto Comte como eixo.

Com Patrick Tacussel, que reúne dados da biografia de Comte, descobrimos que um tema tão importante para a história das idéias do século XX, como o da autonomia da mulher, é um dos pontos importantes do *Calendário positivista*. Herdeiro tardio das correntes do romantismo, cujo espírito naturalista perdura sob uma certa forma de cientificismo em algumas teorias da modernidade, Comte crê que somente o sentimento é capaz de "preservar a sociedade européia de uma grave e geral dissolução". E para essa nobre função de depurar a sociedade dos excessos da racionalidade, somente as mulheres, até então politicamente excluídas, estariam aptas. É Comte que primeiro faz a ligação entre a necessidade da incorporação social do proletariado e a liberação das mulheres, idéia retomada por Marx e Engels no *Manifesto Comunista*. "As convergências entre o positivismo e

o socialismo 'científico' são mais frequentes do que se imagina", afirma Tacussel.

O problema da colonização, num século em que o progresso econômico-industrial europeu está totalmente ligado ao empreendimento colonial, que escapou à análise de grandes pensadores do século passado, foi abordado por Comte. Sobre isso, Tacussel informa que, no *Apelo aos conservadores*, ele "se pronuncia sem reservas, pela restituição da Argélia aos árabes e por um processo de descolonização mais abrangente, que incluiria a Córsega".

Na leitura que Carlos Henrique de Escobar faz de Comte, discutem-se a filosofia e as contradições do pensamento positivista. Para o articulista, as teorias contrárias totalizantes justificam-se e justificam o momento histórico de um projeto social da burguesia no século XIX: "a totalização da história, e seu recorte simplista em três estágios, e as análises esquemáticas como idades espirituais teológica, metafísica e positiva, na aliás forma progressiva e ideal, assim como a inserção nela de uma causa final, mais idealizada que pensada da cientificidade e da tecnologia, fazem de Comte um pensador subordinado às metas e ilusões da burguesia capitalista." O que, no entanto, não diminui o interesse pelo estudo do autor.

Comte viveu num período de grandes conflitos sociais e de

desestabilização da sociedade francesa, em meio a dois acontecimentos que transformaram radicalmente o panorama urbano: a Revolução Francesa e o começo da industrialização européia. Ele foi um pensador sensível a todas essas crises que ocorriam na época e vai especular sobre a natureza dos fenômenos históricos, as descobertas científicas e como as mudanças radicais da sociedade se estruturam. Como afirma Escobar, faltou a Comte - e a todos os teóricos reformistas ou conservadores da modernidade, arautos do progresso e da razão - "as formulações revolucionárias, sobretudo e particularmente Marx, ou uma filosofia suficientemente radical que Nietzsche começava também a formular sem pretensão de sistematizar e até mesmo de politizar".

É inegável, no entanto, que Comte é o precursor do pensamento social moderno, tendo criado inclusive o termo "sociologia". Uma questão básica da filosofia comtiana é considerar a existência de leis sociais da mesma forma que existem leis físicas, tais como as da biologia, da física ou da química. A "filosofia positiva" nada mais é do que um método que se propõe a organizar todo o conhecimento sobre a sociedade em um único sistema científico. Augusto Comte é, talvez, o autor que mais fortemente encarna o espírito da modernidade, com sua fé inabalável na ciência e no progresso - tanto que ao final de sua carreira cria uma "religião da humanidade".

Influenciado a princípio por Comte, Saint-Simon e Spencer, Durkheim vai trilhar um caminho original para os estudos da sociedade, sendo considerado o fundador da escola francesa de sociologia. A obra de Durkheim continua atual, sob muitos aspectos. Defendendo uma disciplina ao mesmo tempo teórica e prática, suas teorias representam mudança de rumo na história das ciências sociais. O artigo de Marcos Medeiros mostra o significativo papel do autor para o desenvolvimento

das teorias sociais que germinaram no século XIX. Durkheim representa "uma ruptura com um certo naturalismo, instituindo a sociologia como uma ciência social da sociedade". Sua importância na época foi mostrar - sobretudo aos economistas ortodoxos - "a natureza coletiva das instituições sociais". O indivíduo não era uma unidade de análise, uma vez que, segundo Medeiros, para Durkheim "a ação individual é governada por representações que têm origem na coletividade". Ao contrário das teorias totalizantes, Durkheim considerava que uma ciência só se constituiria como tal quando se subdividisse em um certo número de problemas solidários. Uma peça fundamental é a concepção de método para as ciências sociais que se afasta das ciências naturais. Medeiros afirma que o teórico "constrói uma teoria social cujo método, embora guarde semelhança com o método das ciências naturais, em particular o da biologia, será lembrado apenas como metáfora".

A questão central em Lamartine DaCosta é a permanência do mito da veracidade científica, herança do Iluminismo, que reaparece de diferentes formas em muitos autores e tem seu ápice na filosofia comtiana com sua crença na pureza da ciência. Passando por diversos estudiosos, o articulista mostra os resquícios positivistas que estão presentes em discursos cientificistas, e o quanto há de concessão a valores em autores que acreditam na pureza do método científico. DaCosta encontra em Weber o melhor exemplo desse embate, já que este sociólogo, defensor de uma "ciência livre de valores, assumia freqüentemente a contradição como válida". Descobrimos, com o texto de Lamartine DaCosta, que essas nuances do pensamento do autor alemão se originam em uma viagem à Itália, quando, em contato com "novas experiências vivenciais, teria reduzido progressivamente sua crença na pureza da ciência". Na Itália, em contato

com a Máfia napolitana, Weber estuda o crime organizado. Estudo este pouco conhecido e citado, até mesmo pelos pressupostos relativistas. DaCosta se interessa por essas inserções de valores nas práticas científicas, encontrando nas entrelinhas do pensamento do próprio Comte, radical defensor da veracidade da ciência, o reconhecimento de faculdades outras, como as afetivas. Passando por diversos autores, DaCosta procura chegar a uma epistemologia pluralista e conciliatória. E nessa linha de conciliação, o exemplo de Max Weber pode ser profícuo.

Eis algumas das explicações para nossa opção pelos temas tratados neste número da *Logos* e as razões que nos motivaram a formular uma reflexão sobre Comte. Primeiro porque nossa proposta é ir às raízes do pensamento da modernidade, fazendo uma exegese dos textos do século XIX que estão "na gênese do século XX", parafraseando Luiz Felipe Baêta Neves, co-editor deste número. A cientificidade das ciências sociais é uma das questões que nasceram nos oitocentos, fizeram parte da história do conhecimento do século XX e tudo indica que continuarão pertinentes nas reflexões do século XXI.

* Hérís Arnt é Doutora em Sociologia pela Universidade de Paris V-Sorbonne e Professora da Faculdade de Comunicação Social da UERJ.